

UM CÁLIDO IN EXTREMIS

A Lygia e a Paulo Emílio

TE CUSPIR NA CARA, uma bofetada, um soco, tudo melhor do que a palavra, KleineKu, te chamo assim, nome com a sonoridade da língua dos poetas e das feras, o ato sempre melhor e não como eu mesmo o pensamento-salto para me explicar através de ti mínimo. Não estou morrendo, KleineKu. Tentei explicar o mesmo a um outro, estúpido como tu, se chamava Koyo e ergueu paliçadas à procura da minha unha, paliçadas ao redor do nada, porque por mais que te ergas, nunca, fechado como estou nessa esteira trançada, nem Koyo nem KleineKu teriam a viseira, o perfurante olho para o menor de mim. Não estou morrendo. A perfeição é a morte, um de vocês AH descobriu e disse A perfeição é a morte, não será essa a maior certeza da imortalidade? Koyo e KleineKu trancafiaram-no, asilo de loucos, e esse AH emparedado não pôde discursar nos congressos, senados, seria o mesmo, loucos de dentro, de fora, todos KleineKus repetindo que estou morto quando isso seria o inexprimível mas o mais significativo de todos os meus atos. Morrer eu quero, placa inteiriça de marfim sobre o eu inteiro, antes da placa a esteira, aquela que nunca a teu alcance, nem de olhos fechados, KleineKu entenda, estou em agonia mas não vou morrer, deteriorado, informe, daqui para a frente pus e poeira avolumando-se, devo morar no silêncio, mas o de mim calado corre para ti, expressa-se em atos, e que atos os teus, selvageria e soberba em todos eles, devo pedir que te apresses, termina, não te faltam os meios, mais potentes do que Nagasaki e Hiroshima, e há uma

fome em ti portentosa demais para o teu nome, e não é que cabe no teu desprezível buraco todas as tuas fomes? Não sei como se morre, e não sabia que ao pensar-me expelia conceito e esterqueira, olho-te a ti num distanciamento soluçoso de lonjuras, olho-me a mim e procuro no corpo um ínfimo ponto de onde eu possa extrair um todo novo, morte, se eu pudesse refazer-me em morte, ajoelho-me torcido diante de mim mesmo, que o eu divino encontre o caminho do Nada e no percurso não procure outra vez dar forma às aparências, o eu emocionado quis traduzir-se em obras, pensou Homem para habitar a Terra e foi como se pensasse sordidez, coprólito, que o Nada me reencontre outra vez, pensou-me o Nada porque num instante pretendeu dar forma ao Nada-Não Ser, ah KleineKu, reafirmo, antes o cuspe o soco a bofetada, tudo melhor do que a palavra, e se eu tivesse cornetas poderia usá-las como esse de mim, afortunado Mahler, se eu tivesse cornetas, essas de postilhão, ah se eu as tivesse, arrancaria o som mais dolorido para o teu todo mouco, se eu tivesse palavras como esse de mim Jeshua as teve, uns meus incendiados, mas para KleineKu foi como se nunca eu os cometesse, se os muitos em mim pudessem martelar tua substância, outra vez moldado, um novo metagrama, dois corações-cabeça para o homem, atuando em plena comunhão, KleineKu acrescentado nuns lestes, arrancado ao sul, teria sido melhor consumir a ideia-homem assim que foi expelida, atuar como fui ensinado pelos meus de mim, monges-cartuxos volatizando a palavra na sua fonte, KleineKu pensado sim mas incandescente no mesmo instante voltando à sua raiz. Agora, cotovelos negros fincados nos meus moles, eu olho o absurdo: tu. Mãezinha, eu GrosseKu, também batizado pelos homens com esotéricos nomes, Pneuma, o Todo-Um, o Sem-Nome, mãezinha quero a tua mão na minha, e Gide num sem-fim ao meu ouvido: "quero morrer desesperado". Talvez assim eu possa, talvez assim eu aprenda a morrer.